

CANCELAMENTO DO BEM?

Eduardo Mahon¹

A crítica literária é uma atividade humana. Feliz ou infelizmente humana, porque nela há tudo o que pode ser generoso e mesquinho, coerente e contraditório. Ao criticar o cancelamento da cultura russa, movimento global contra a guerra do autocrata Putin, Julián Fuks elabora um consistente questionamento sobre a validade dessa perseguição cultural. Enfoca, sobretudo, a contradição em banir das rodas de leitura autores como Dostoiévski que, em vida, foi vítima do czarismo. A reflexão final remete ao próprio autor russo cujo esforço teria sido proporcionar perfis além de suas redutoras circunstâncias. Se é ou não verdadeira a visão sobre a sublimação da vida real, não tenho espaço para o velho debate. O que de objetivo fica de Fuks é sua militância contra o cancelamento do mal. Sou todo aplausos para a lucidez com que o escritor brasileiro defende o que nos parece óbvio – separar alhos de bugalhos.

Tudo ok? *Por supuesto que si*, pero no mucho. Pode ser que o fetiche vire contra o feticheiro. Mais recentemente, Fuks escreve sobre outro antigo dilema dos leitores e, sobretudo, dos críticos: a tentativa de separar a obra de seus autores. Ao comentar o apoio de Vargas Llosa ao viés autoritário brasileiro Fuks se ressentido. Cita livros considerados

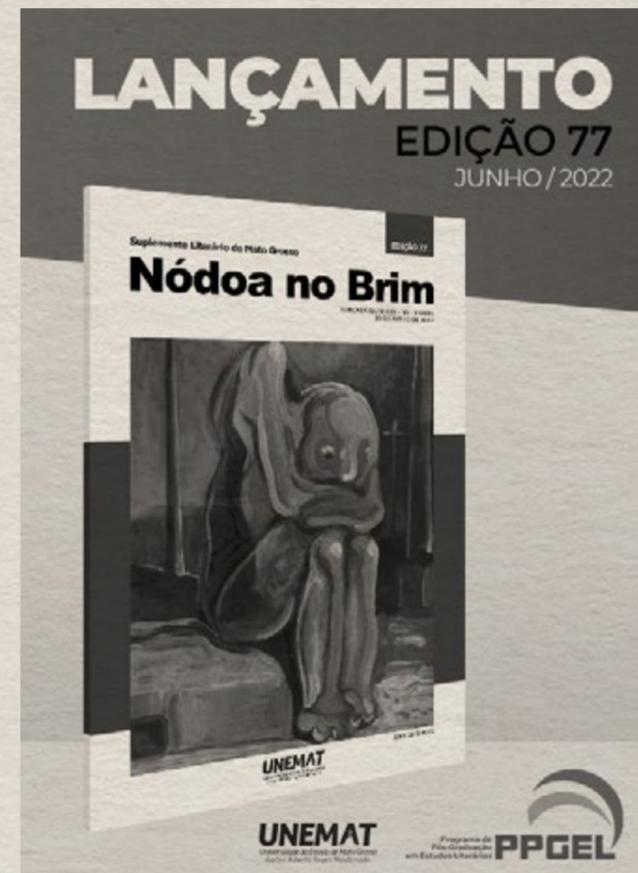
“consistentes, eloquentes, bem constituídos” e se pergunta como pode o autor alinhar-se com posicionamentos políticos tão estapa-fúrdios. Mais à frente, afirma que tudo ficou esclarecido durante o doutorado. Os pensamentos equivocados de Vargas Llosa sempre estiveram em seus livros, formados a partir de uma visão caótica de mundo. É que nosso contexto latino-americano seria paternalista, demandando intervenção contra o atraso. Um bom escritor com ideias sórdidas, em resumo. Por fim, Fuks chama atenção para o dever da crítica, ao se desapontar com o autor.

Fiquei a me perguntar sobre como deveriam ser lidas as opiniões de Fuks, se colocadas lado a lado. Em qualquer contexto, há um certo e um errado. O certo precisa ser aplaudido e relevado e o errado, vaiado e criticado. Onde estaria a sublimação das circunstâncias na ficção? É curiosa essa leitura especular romance/biografia e sem-cerimônia como se coloca a obra no mesmo divã. Não poderiam os escritores pensar num mundo ficcional para sugerir o contrário? Não seria uma forma de denúncia de visão atrasada o que estariam buscando com personagens brancos, agressivos, ignorantes? Minha surpresa é com a insistência desse velho inquerito sobre a “intenção do autor” ao escrever um texto. Afinal de contas, a escolha do tema, a forma de narrar, a complexidade das personagens, suas ações na trama, o desfecho, enfim, o universo de um livro foi deliberadamente pensado, projetado para ser como é. O que o autor quis nos dizer? Trata-se de um outro departamento, talvez um brechó da crítica literária.

Após a publicação, o livro nunca mais dei-

¹ Eduardo Mahon é advogado, escritor e pesquisador. *site: eduardomahon.com.br*

xará de ser como foi no início. O que muda com o tempo é o olhar e, portanto, a interação pode tirar a obra de uma estante superior para colocá-la em outra, mais abaixo. Escritores podem mudar completamente. De ateus a crentes, de carnívoros a veganos, de boêmios a madrugadores. Tem gente que troca de uniforme muitas vezes durante o jogo. Mas e o que passou? Cancelamos os gols? Outras palavras, o quão válida é a leitura filtrada por afetos e desafetos ideológicos? Não seria uma forma de cancelar Mario Vargas Llosa ao rotular sua escrita como “uma visão preconceituosa e caduca que distorce tempos, espaços e identidades”? Fico me perguntando o que Fuks diria se o peruano comungasse com ele das mesmas perspectivas, se votasse nos mesmos candidatos, se militasse no mesmo campo ideológico. Quem será que caducaria primeiro: a obra ou a leitura?, o livro ou o leitor? Francamente, tenho dúvidas se possa existir um cancelamento do bem.



LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

Jornal “O Combate”

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chieregatto

Colaborador deste número: Eduardo Mahon

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000